

6º CAPÍTULO

O HOMEM E A SUA MANEIRA DE SER

Em 1954, com 51 anos, na idade em que muitos homens já estão reformados, ou suspiram pela reforma, Jacinto Ferreira sem preocupações e com a sua vida estabilizada, vai de livre vontade iniciar a parte mais trabalhosa da sua existência.

Em Fevereiro de 1954 os seus amigos, J. Florentino Topa, Luís Gonçalves Saias, Francisco Ribeiro Modesto e J. Correia Pontes, propõe-lhe a compra da antiga fábrica Établissement de F. Delory, talvez a mais antiga fábrica de peixe em azeite em Olhão. Decaída da sua anterior grandeza, tinha mudado de nome e passava por dificuldades financeiras.

Era uma grande unidade fabril, instalada num edifício, construído para explorar a indústria da sardinha em conserva. Não se tratava de um barracão como a maioria das outras fábricas. Tinha sido sua gerente, madame Marie Eugéne Bertier Massé (1881-1967), cujo marido Léon Massé, era gerente duma fábrica em Portimão. O povo conhecia essa fábrica de Olhão, por Fábrica Velha.

Os vendedores, pediam-lhe pelo edifício e alvará 800.000\$00. Na época era uma verba avultada, mas seria paga em quatro prestações. António Jacinto Ferreira não hesita. Fala com os filhos e fecha o negócio. Faz de imediato uma sociedade comercial com os filhos e começam o trabalho. “Ele tinha experiência, força de vontade e organização. Inicialmente começam com 400 operárias, no ano seguinte passam a 600.⁽⁵¹⁾ Batem o recorde de produção de todos os tempos, com 70.000 caixas de 100x1/4, nos vários molhos.

Neste novo período da sua vida, Jacinto Ferreira teve no devido tempo, como colaboradores os seus filhos. António Jacinto Ferreira Júnior, Humberto Jacinto Ferreira, e muito depois Jorge Jacinto Ferreira.

Mas foi sobre o mais velho, Jacinto Ferreira Júnior, que recaiu a grande parte da responsabilidade na condução externa dos negócios. No seu escritório ia movendo as alavancas que faziam mover toda aquela engrenagem industrial, e comercial. Humberto o irmão mais jovem, logo que se sentiu preparado

(51) António Jacinto Ferreira Júnior - “Memórias de Meu Pai”.

dirige a parte industrial. O mais novo, Jorge Jacinto Ferreira tinha apenas onze anos, só mais tarde começou a prestar a sua ajuda.

O pai Jacinto Ferreira, orientava a parte interna daquele complexo negócio, que se estendia por Portugal fora.

Dirigia as encomendas para todo o país, e estava atento para que a fábrica em Olhão, estivesse sempre abastecida de peixe para o trabalho diário, comprando a matéria no local onde em cada dia ela abundasse.

Não era tarefa fácil, pois como já vimos a sardinha por vezes escasseava e ameaçava parar a fábrica. Se não havia sardinha em Olhão, Lisboa ou Peniche, mas aparecia em Matosinhos, era preciso ir lá, buscá-la imediatamente. Para isso era necessário tratar do transporte que fosse feito com a maior urgência pela estrada, pois o caminho de ferro era moroso e não oferecia condições.

Estas diversas operações, exigiam uma rápida decisão, um perfeito conhecimento do mercado, e uma confiança absoluta entre comprador e vendedor. Um simples telefonema bastava para movimentar verbas no valor de centenas de contos, António Jacinto Ferreira gozava de prestígio e da maior confiança.

Mas para comprar, era preciso vender. Como já dissemos, Jacinto Ferreira tinha deixado os modestos e trabalhosos clientes e tinha conseguido um grupo de grandes revendedores, com quem estava em permanente contacto.⁽⁵²⁾

Mas a maior parte do seu negócio tornou-se a exportação. Era incansável na busca de novos clientes, nos mais diversos países. Desde a Europa até às Filipinas e parte da Ásia, contava com compradores. Em muitos países tinha um representante das suas marcas. Mais tarde o seu filho Jacinto Ferreira Júnior, vai até aos países do Leste, um mercado quase fechado para Portugal e consegue novos clientes.

Era norma de António Jacinto Ferreira, não ficar sentado à espera de novos clientes, mas levantar-se e ir estudar as possibilidades de novos mercados. Isso tinha a vantagem de conhecer pessoalmente os possíveis compradores, ver a implantação dos concorrentes nessas áreas e de conhecer a causa dos seus êxitos ou fracassos e estudava com atenção esses pormenores.

(52) António Jacinto Ferreira Júnior



ANTÓNIO JACINTO FERREIRA, REUNIDO COM OS FILHOS NORAS
E NETOS

Esta sua visão dos negócios, traduzia-se com o tempo em resultados práticos. Enquanto em Olhão devido à crise, algumas fábricas abriam falência, e outras mudavam de nome de gerência e de dono, procurando sobreviver às dificuldades, a sua fábrica, a “Conserveira do Sul”, mantinha o seu ritmo e mesmo por vezes superava as mais antigas.

Um dia vieram-lhe dizer, que alguns concorrentes admirados do bom estado do seu negócio, vinham através da noite espreitar pelas janelas a laboração da fábrica, tentando descobrir a causa deste êxito. Evidentemente que não era pelo espreitar das janelas que poderiam ter alguma luz sobre o assunto, isso apenas poderia traduzir a admiração pelos bons resultados desta empresa. Jacinto Ferreira, divertido, limitou-se a rir desta espionagem.⁽⁵³⁾

Dirigir centenas de operárias e alguns trabalhadores não era tarefa fácil. Jacinto Ferreira, teve sempre o maior cuidado de escolher o melhor pessoal, o mais qualificado para as diversas tarefas de responsabilidade. A fábrica contava com Júlio Santos Gonçalves, José Águas Prata e a mestra Lourença da Silva. No escritório o guarda livros, Fernando Ferreira e Ivo Casaca era o encarregado da correspondência com o estrangeiro.⁽⁵⁴⁾

Mas a qualidade dos responsáveis, não era o essencial. O principal resumia-se na maneira dinâmica, mas tranquila, que o fundador desta empresa infundia nos trabalhadores. Ele era um homem calmo, ponderado conhecia o seu pessoal e sabia o que podia pedir a cada um. Creio que ninguém lhe ouviu um berro, ou uma explosiva irritação. O trabalho era para ele um imperativo de consciência, uma espécie de religião.

Desde jovem, sempre desejou fazer, construir uma grande empresa. Ele tinha confiança no trabalho ordenado e perseverante. Pensava e reflectia sobre os assuntos, era um inimigo da improvisação. Quando achava que uma causa era justa, lutava por ela e falava a quem de direito das suas razões. Saltava por cima das burocracias e entrava nos gabinetes daqueles que tinham o poder, expunha o problema, mostrava a realidade da situação e o lado humano do caso. Era um homem simples, sem ares de patrão. Gostava de falar com os operários. Muitas vezes em horas de aperto, que não lhe permitiam sair da fábrica para ir comer, assava peixe num fogareiro e comia a sua refeição com o pessoal, conversando assentado num banquinho.⁽⁵⁵⁾

(53) António Jacinto Ferreira Júnior - “Memórias de Meu Pai”

(54) António Jacinto Ferreira Júnior

(55) António de Oliveira - Mestre de Redes

“Quando a horas matinais, passava pela “Batateira” no Largo da Alfandega, não desdenhava de ali mesmo comer uma batata doce.⁽⁵⁵⁾

Quando notava que o vestuário de alguma das suas operárias, estava no fio, ou pressentia um momento de miséria oculta, discretamente dava-lhe uma gratificação.⁽⁵⁵⁾

Era de uma grande simplicidade. Um dia de madrugada, foram avisa-lo de que um seu barco, estava à vista do cais em dificuldade para atracar. Saiu logo assim mesmo, atravessando a vila de chinelas e pijama.⁽⁵⁵⁾

Fiel às suas amizades. Tinha a sua roda de amigos, como o João de Jesus Ventura, Julião Florentino Topa, Francisco Carapucinha, José Luís Garraia, Armando Amâncio, Evaristo de Sousa Pontes e alguns outros. Sempre que podia depois do jantar juntava-se para dois dedos de conversa, no café dos comerciantes e industriais, na esquina da rua 18 de Junho e Av. da República.⁽⁵⁶⁾

Detestava a burocracia. Tinha horror à papelada oficial. Evitava entrar numa repartição. A simples vista dum funcionário à boca dum guiché, dizia com graça, tirava-lhe o apetite para o almoço.⁽⁵⁷⁾

No Natal, na noite da consoada, mandava durante o dia transportar a Quarteira e arredores, o pessoal que era desses lugares, e o mesmo fazia na véspera do dia primeiro de Janeiro.⁽⁵⁷⁾

Sem receios pela sua situação, assistia aos comícios da oposição. Era assinante do jornal “A República” e seu accionista, e com frequência contribuía com donativos para ajuda da sua manutenção.⁽⁵⁷⁾

Causou espanto, quando alugou em Olhão quatro casas, para albergar as raparigas e mulheres de Quarteira, que não conseguiam arranjar alojamento, na vila e trabalhavam na fábrica.⁽⁵⁷⁾

Não era homem de festas. Dançava pouco. Não se entusiasmava pelas noitadas dos festejos aos santos populares.

(56) António Jacinto Ferreira - “Memórias de Meu Pai.”

(57) António Jacinto Ferreira Júnior - “Memórias de Meu Pai.”



NESTA CASA NA ANTIGA RUA DO SÁLÁ, ACTUAL RUA
DR. FRANCISCO FERNANDES LOPES, E ONDE ESTE ILUSTRE
OLHANENSE NASCEU, MOROU ANTÓNIO JACINTO FERREIRA.

Grande amigo do Padre Delgado, era uma “Vítima predilecta” deste bondoso sacerdote, nos constantes pedidos que lhe fazia, para os pobres e crianças do asilo que tinha fundado. Também este quando precisava de transporte para ir buscar ofertas aos arredores, ou fazer distribuição de géneros pelos pobres ia bater à porta deste amigo.⁽⁵⁷⁾

Quando surgia uma questiúncula entre as operárias e é bom lembrar que eram umas 600, era prudente, nunca se intrometia nesses assuntos, deixava a encarregada Lourença da Silva tratar do caso. Se era necessário dar uma repreensão, chamava a pessoa à parte.⁽⁵⁷⁾

Só por uma absoluta impossibilidade deixava de assistir à missa. No dia das procissões a fábrica fechava.⁽⁵⁷⁾

Antes de fundar a “Conserveira do Sul”, muitas vezes ajudava as operárias em ocasiões de grande aperto, por vezes até madrugada na salga do peixe, para estar pronto para embarque logo de manhã cedo.⁽⁵⁷⁾

Quando o peixe abundava, e era preciso trabalhar até às primeiras horas da manhã, Jacinto Ferreira estava sempre junto do pessoal.⁽⁵⁷⁾

À noite se tinha tempo, passava pela Recreativa Progresso Olhanense, ou então ia até ao café “A Velha”, na Av. da República, em cujo primeiro andar, funcionou durante alguns anos a sede do Sporting Olhanense. Foi aí, que numa noite em conversa com uns amigos - Como já anteriormente contamos - resolveu comprar a “Fábrica Velha”.⁽⁵⁷⁾

Tinha o habito da leitura. já depois de deitado nunca adormecia sem ler um bocado.⁽⁵⁸⁾

O seu trato afável e a sua simplicidade, não o impediam de tomar uma atitude de força, quando via o bom senso atropelado, por uma burocracia de repartição, inepta e desligada das realidades. Era um homem de espírito lúcido, detestava a tacanhez e a ignorância, que por vezes distingue o burocrata do simples mortal.

Jacinto Ferreira, por vezes tropeçava nestes mangas de alpaca, e era obrigado a lutar contra eles. Estes sujeitos, na maioria, não têm o sentido da

(57) António Jacinto Ferreira Júnior - “Memórias de Meu Pai.”

(58) Sua Esposa D. Ermelinda de Jesus Martins

época em que vivem. Para eles o tempo começa na data de um decreto ou portaria. Alimentam-se de papel e quanto mais velho este for, mais saboroso o acham. Apontamos apenas dois exemplos que elucidam a posição da burocracia, perante a vida real e a burocracia de gabinete, como o dono da “Conserveira do Sul”, os viveu:

“Sucedia que nas épocas de crise na pesca, na Costa Algarvia, especialmente em Olhão, os industriais de conservas em azeite eram obrigados a deslocarem-se a outros portos onde a sardinha abundava mormente a Setúbal e a Matosinhos. Nessas localidades os nossos industriais, provisoriamente se instalavam, arrendando ou construindo fábricas, com vista à continuidade da sua própria indústria.

E isto porque o organismo que regulamentava a indústria, não permitia o fabrico de conservas em molhos (azeite, calda de tomate, óleo) com sardinhas providas. para além duma distância de 100 quilómetros, o que correspondia aproximadamente: Portimão - Vila Real de Santo António. É de calcular que os prejuízos desta regulamentação eram enormes.

Assim, encontrando-me um dia em Lisboa, onde já possuía na capital um armazém apareceu uma enorme quantidade de sardinhas, acabadas de chegar do mar, ainda vivas e a abundância era tanta que teria que ser jogada novamente ao mar, se não tivesse aproveitamento, enquanto que no Algarve não havia sardinha”. Tomei a iniciativa de telefonar para Olhão, para a antiga fábrica “Reis Silva” e informei directamente o dono do que se estava a passar.

Mas o senhor Reis Silva, limitou-se a dizer que não podia receber qualquer quantidade, porque o trajecto ultrapassava em muito o regulamentado superiormente, e lamentava dizendo que em Olhão de momento não havia sardinha, e por isso tinha o pessoal parado mas pediu-me para eu não me meter em aventuras.

Era uma situação absurda. Numa terra uma fábrica parada por falta de matéria prima e operárias sem ganhar o seu salário, noutra local a existência de sardinha em tal quantidade que eram obrigados a destruí-la lançando-a novamente ao mar. E tudo isto sucedia devido a uma burocracia de gabinete.

Mas eu sentia-me dentro da razão e disse ao senhor Reis Silva que lhe ia enviar 400 caixas de sardinha. Fui logo ao Instituto Português de Conservas de Peixe e ao respectivo director expus claramente o assunto, fazendo notar o contra-senso desta situação. E fui feliz, pois foi autorizado o seu envio e eu logo fui tratar da sua preparação pelo meu processo.

Mais tarde o regulamento foi alterado para 300 quilómetros. Isso foi benéfico para Olhão, pois as fábricas podiam agora, ser abastecidas com sardinha de Setubal, Lisboa ou de qualquer porto do país. Mas a burocracia logo levantou outro problema.”

Por vezes o peixe não podia ser preparado no próprio dia, quando chegavam grandes remessas, era preciso conserva-lo, por isso tratei de instalar câmaras frigoríficas. Mas aí a resistência a esta iniciativa que era a primeira em Portugal, foi tremenda. Pois a burocracia pensante do Instituto Português da Conservas de Peixe, tinha a convicção que o peixe se alterava com a acção do frio...! e afirmava que estava mais que provado que o frio no gelo, era a melhor conservação para o peixe. Valha-nos Deus por esta santa ignorância! Não desisti e mandei construir duas pequenas câmaras para a experiência. Uma para o peixe gelado e outra para o peixe cozido, com automáticos, que regulavam as temperaturas adquiridas e deu pleno resultado. O Instituto das Conservas, depois de proceder a uma fiscalização rigorosa desta iniciativa rendeu-se à evidencia.

E então caso estranho. Fez circular por todas as fábricas do país o resultado deste novo processo de conservação pelo frio, pedindo para seguirem o meu exemplo.

De todos os centros do país, começaram a chegar visitantes para apreciarem as novas instalações, e a pedir a indicação da firma construtora, esta em pouco tempo viu-se inundada de encomendas. A partir desta experiência feita em Olhão, grandes instalações foram montadas nos mais diversos centros fabris.⁽⁵⁹⁾

“Apontamos ainda, um outro caso, onde a burocracia não se compadece com a fome, mas exige a cega observância da letra, enquanto o espírito da intenção do presumível infractor, é desprezado.

“Um outro episódio sucedeu às nossas duas firmas: à da fábrica de filetagem de anchovas e à de sardinhas em azeite. Na primeira tínhamos trabalho permanente para 200 mulheres operárias e os correspondentes operários. Na “Conserveira do Sul” tínhamos 300 operárias e também os correspondentes operários, que também da mesma forma trabalhavam as semanas inteiras, quer no Verão quer ao Inverno, porque tínhamos o cuidado de manter em stock,

(59) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de Luta”
In Sport. Clube Olhan. 1981 - Nº 330.

Este depoimento é transcrito com ligeiras alterações de forma, mas não de conteúdo.

enormes quantidades de biqueirão (anchovas) para que o trabalho não parasse e, para que as enormes encomendas pudessem ser atendidas a tempo, e assim se conseguia que ambas as nossas fábricas, mantivessem pelo menos 1.500 famílias, onde o pão não faltasse durante o ano.

Os salários eram baixos? estavam regulamentados. Para suprir em parte esses inconvenientes, concedíamos um prémio de produção, que nessa época era proibido, mas as mais importantes empresas de outros géneros de indústria o faziam, como compensação.

Os referidos prémios ultrapassavam de longe os fixados. Isto incomodava os nossos concorrentes, que não hesitavam em nos denunciar, por pagar um pouco mais de ordenado aos operários homens e mulheres. As denúncias eram constantes, o que originava problemas contínuos com o Instituto Nacional do Trabalho, e pesadas multas nos eram aplicadas, mas apesar disso não desistíamos, pois que em quase todos os países do mundo existiam os referidos prémios.

Sucede que nas épocas do defeso, de 15 de Janeiro a 15 de Abril, as operárias das fábricas de sardinha em molhos não tinham trabalho e recebiam do Grémio dos Industriais, um subsídio correspondente a dois dias de trabalho por semana. É fácil de ver a miséria que esta esmola causava nas famílias.

Ora esse problema não existia nas nossas fábricas, que utilizavam à falta de sardinha, o trabalho no fabrico das anchovas. Porém era expressamente proibido, a transferência de operarias de uma para outra fábrica.

Sucede que numa dessas épocas de grandes encomendas de anchovas, tivemos que recorrer a dar trabalho às operárias de outras fábricas que estavam imobilizadas, por falta de encomendas ou de peixe. Logo surgiram denúncias de outros fabricantes a quem a nossa organização de trabalho e encomendas incomodavam.

Logo se fazem participações do nosso “horrível” crime. A fiscalização do referido Instituto aparece e encontra 150 operárias que estando desempregadas, tinham vindo trabalhar para a nossa fábrica onde encontravam emprego.

A multa era de tal forma elevada, que o rendimento total da produção não chegaria para a pagar. Mas eu não me preocupei e segui para a Delegação de Faro. Fui atendido pelo Engenheiro Chefe, a quem expus a situação de recurso, para dar cumprimento aos contractos firmados com clientes

estrangeiros, mostrando-lhe os respectivos contractos e “Créditos”, que não seriam renovados. O senhor concordava com a minha argumentação, mas dizia que eu me encontrava a violar a lei e nada poderia fazer, a não ser pagar a multa de 150 contos - Um por cada operária - mas sucede um milagre.

Bateram à porta do gabinete onde nos encontrávamos, e anunciam a visita de um seu colega e grande amigo, que chefiava uma delegação do Norte e que já tinha anos antes, chefiado a delegação de Faro e por isso conhecia perfeitamente os problemas da indústria no Algarve, sobretudo a de Olhão.

- Olha, disse este, tens na tua frente um industrial que, dentro das suas possibilidades contribuiu em parte, para resolver o grave quotidiano dos trabalhadores, mas tem que recorrer a processos considerados ilegais, motivo pelo qual tenho que lhe aplicar uma multa. O outro aquele que já tinha prestado serviço em Olhão, ouvia-o com atenção e depois pediu-me para eu sair do gabinete, afim de falarem a sós.

Aguardei no corredor e minutos depois, saía o visitante que me cumprimentou com deferência e ofereceu os seus préstimos. Boa sina? Sim! porque o delegado convidou-me a entrar de novo e disse: vá sossegado porque a multa vai ser anulada. Pode continuar a trabalhar à vontade, porque nenhum dos meus funcionários jamais o vai incomodar.

Era bom, que maior número de industriais como o senhor, se preocupassem pela indústria de conservas de peixe, porque só assim se resolveria parte dos graves problemas de uma das mais importantes indústrias do nosso país. Saí radiante, tinha mais uma vez vencido um gravíssimo problema.⁽⁵⁹⁾ ”

(59) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de Luta”
In Sport. Clube Olhan. - 1981 N° 330